

Insulto à Nação

ESTADO DE SÃO PAULO

O episódio da rolagem das dívidas dos Estados inadimplentes — aprovada numa barganha com o PMDB, o maior partido da oposição, e o governo, que conseguiu do Congresso Nacional o aumento dos impostos que queria — é mais uma página triste na história do Poder Legislativo. Infelizmente, seus efeitos nocivos ao bolso do contribuinte (mais uma vez assaltado pelo Estado para financiar desperdícios) e à imagem dos políticos e da política não se encerram nas votações na Câmara dos Deputados e no Senado. A nota publicada pelo PMDB nos jornais, no fim de semana, é uma evidência de que ainda há lama para ser jogada na face limpa da Nação.

A nota, intitulada "Do PMDB à Nação", é de uma desfaçatez espantosa e esconde a realidade sob um amontoado de falsidades. Na verdade, governadores e estrólinas utilizaram os bancos estaduais como se fossem casas de moeda e repassaram para o Banco Central — em última instância para o contribuinte brasileiro, em geral — os rombos de caixa produzi-

dos pela ganância desenfreada às vésperas das eleições do ano passado. Esses governadores gastaram dinheiro público, fizeram uma enorme dívida e terminaram premiados com a rolagem da dívida acumulada, que será paga ao longo de 20 anos por seus cinco sucessores imediatos, evidentemente se eles se dispuserem a tanto. Pois, agora, qualquer governador está autorizado pelo Executivo, se tiver força no Congresso, a gastar sem controle e, depois, não honrar suas dívidas.

Ex-governador de São Paulo e atual presidente do PMDB, Orestes Quércia entregou o mais rico Estado da Federação praticamente falido a seu sucessor, Luiz Antônio Fleury Filho.

No entanto, a nota assinada pela comissão executiva nacional do PMDB cita-o como uma inocente vítima da calúnia de seus adversários derrotados nas eleições. "No caso do Estado de São Paulo, por exemplo, o ex-governador e atual presidente do partido não contribuiu com um tostão para o aumento dessa dívida, iniciada há mais de 30

anos", reza a nota. A rolagem da dívida dos governadores inadimplentes, ao premiar os irresponsáveis que gastaram à toa e punir os administradores sérios, é mais uma nódoa nos anais do Poder Legislativo do Brasil. Mas a nota do PMDB consegue piorar ainda mais as coisas. Pois é a prova definitiva de que o partido que tem a mais numerosa bancada no Senado e também o maior número de deputados na Câmara não passa de um cartório de despachos de propriedade do ex-governador de São Paulo. Quércia comprou o partido, jogou suas tradições históricas na luta pela conquista da democracia civil no lixo, passou a escritura e agora exhibe à Nação seu espólio.

Mas Quércia e o PMDB não perdem por esperar. Eles podem ter sido perdoados pelos colegas, mas não estão livres de ser castigados nas urnas. Só um tolo pensa que o povo se deixa enganar o tempo inteiro pelos políticos. A primeira resposta já poderá ser dada nas eleições municipais de 1992.

Quem viver verá.